

nós.



NÚM. 3

30 Decembre do 1920

NÓS

BOLETÍN MENSUAL DA CULTURA GALEGA, ÓRGÃO
DA SOCIEDADE GALEGA DE PUBLICACIÓS «NÓS»

DIREITOR:
Vicente Risco

XERENTE:
Arturo Noguerol

REDAUTOR-XEFE:

Xavier Prado (Lameiro)

SEGREDARIO DA REDAUCIÓN:

Xulio Gallego

REDAUTORES:

Ramón Cabanillas, Alfonso R. Castelao, Antón Losada Diéguez, Ramón Otero Pedrayo
Florentino L. Cuevillas, Leuter González Salgado

COLABORADORES:

Teixeira de Pascoaes, Johan Viqueira, Philéas Lebesgue, Leonardo Rodríguez, Antón Villar Ponte, Wenceslao Fernández Flórez, Xaime Quintanilla, Antón Noriega Varela, Gonzalo Abente, Manoel Banet Fontela, Lois Peña Novo, Eladio Rodríguez González, Ernesto Rivera, Marqués de Figueroa, Antón Palacios, Leonardo Coimbra, Amador Villar, Alvaro Cebreiro, Alexandre de Córdoba, J. Cervaens Rodríguez, Xulio A. Cuevillas, Victoriano Taibo, Xulio Prieto, Xosé Fernández Martínez, Farrueco Lamas, etc., etc.

REDAUCIÓN Y-ADEMINISTRACIÓN Padre Feixóo, 12

ABONAMENTO

Doce números, na Península 6 ptas.

 " Fora: 15 "

Número solto, 60 cts. na Península, 1'50 ptas. fora

Iste boletín non publica mais oriximás que os que foran directamente solicitados pola Dirección. — Tamén se fai solidario das ideias n-elas emitidas, non sendo dous que por non iran firmados, enténdense que son da Redacción.

SUMARIO

¿Fada ou quimera? ¿Vixilia ou sono?, MARQUÉS DE FIGUEROA.

Unha carta de Leonardo Coimbra.

Galicia celtiga, VICENTE RISCO.

Lletres catalanes: Angel Guimerá, poeta, TOMÁS GARCÍAS.

Conto sinxelo, ANTÓN LOSADA DIÉGUEZ.

Letras irlandesas: W. B. Yeats, V. R.

Archivo filolóxico e etnográfico de Galicia.

Os homes, os feitos, as verbas, V. RISCO, A. NOGUEROL, L. GONZÁLEZ SALGADO, etcétera...

Letras e artes galegas.

Libros.

Revistas.

Fóra de testo: Poemña, CASTELAO.

NOS

MANUEL SEOANE

AXENCIA DE FERROCARRILES

Madeiras labradas de todas clases

...-...-...

Mercante APEAS pra minas

Ponte Mayor - OURENSE

BODEGAS GALLEGAS PEARES-ORENSE-(ESPAÑA)

"Blanco" BRILLANTE"

Tinto "TRES RÍOS"



PEDRO ROMERO Y HERMANOS

MEDALLAS

Santiago 1909
Valencia 1910



DE ORO

Buenos-Aires-1910
S. Juan de Puerto Rico-1911

Samaniego

Fotógrafo
de Meda

Luis Espada, n.º 18

OURENSE

NEUMÁTICOS

Michelin

SEMPRE ACABADOS

DE FABRICARE

Gasolina

Lubrificantes

DEPÓSITO

OFICIAL

ALFONSO ABEIJÓN

PONTE MAYOR

(OURENSE)

NÓS

GRAN "HOTEL MIÑO,, OURENSE

O ÚNECO DA CAPITAL CON CALEFAUCIÓN CENTRAL
AMPLIAS HABITACIÓS :: COARTOS DE BAÑO
PENSIÓN COMPRETA DENDE 12 A 60 PESETAS

Propietario: ANDRÉS PERILLE :: Teléfono 21

Merquen: PLUMEIROS DE RAFIA "PERILLE,"
 OS DE MAIS DURA, OS QUE MILLOR LIMPAM, OS MAIS ECONÓMICOS
BOAS UTILIDAS OS REVENDEDORES
 FABRICANTE REPERSENTANTE N.º A ARXENTINA
ANDRÉS PERILLE **JOSÉ MARTÍN**
 OURENSE (España) Calle Venezuela, 926
 Clavo A. B. C., 5.ª edición
BUENOS AIRES

Casa "PERILLE,"

FERRETERIA :: LOUZA :: CRISTAL
MOEBLES ECONÓMECOS E DE LUJO
FABRICACIÓN DE COLCHOS PATENTADOS

Voude pede mental-a sua casa com solo visitar iste estabrelemento, obtendo o maximum d' economia.

Paz Nόvoa, 9 - OURENSE



BOLETIN MENSUAL DA CULTURA GALEGA ÓRGAO,
DA SOCIEDADE GALEGA DE PUBLICACIÓS "NÓS",

Ano I

Ourense 30 Decembre 1920

Núm. 3

¿FADA OU QUIMEIRA? ¿VIXILIA OU SONO?

«No importa que los sueños sean mentira
ya que al cabo es verdad,
que es venturoso el que soñando muere
infeliz el que vive sin soñar.»

(ROSALÍA CASTRO. *En las orillas del Sor.*)

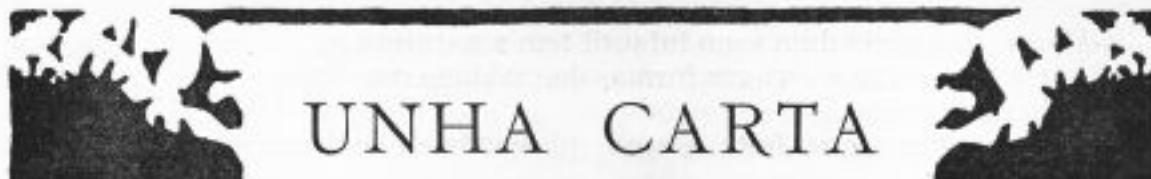
*Val o sono coma feito,
e o feito que non e sono
danos soygo ruin porveito.*

*Entre sonos a vin! é ben certo
que a vin e mireina,
que me viu, e mirou, e faloume
con fala de meiga!
¿Foi un sono de vrán?
¿A vixilia por sono valera,
doce lembro d' acordo lexano?*

.....
*Unha noite calada e serea,
pol-o fondo do val, xund' ó río,
pasou a quimeira....
Branqueou no luar un estante,
nos espazos deixou unha estela*

*vagarosa, com' o camiño
 que na cima dos ceos branquexa;
 o que os anxos abriron yencheron
 de polvo d' estrelas!*
*Ollando na vía do ceo
 aquel rastro que brila e que tembra,
 inda mais me perdín nos escuros
 camiños da terra,
 luminados no mais que o momento
 de vixilia, ou de sono, qu' oubera,
 cando foi que o mirar d' unha fada,
 levoume tras ela!....*
*¡Dend' enton, xa pasou moito tempo,
 e isa noite do vrán, lonxe queda!*
*Ben volvin a buscar nas soedades,
 o luar que crarea,
 miña imaxe branquiña da fada,
 a do encanto que moro tivera,
 a qu' ergueus' é voou pol-o espazo
 e bulrou meu afán, tan lixeira!....*
*¡Alma triste! sen duda os meiguizos
 a tiveron doida, posesa,
 com' a tantas que vagan perdidas
 iñoradas dos corpos que as levan!....*
*Inda oxe, se o luar enfeitiza
 e do sono a figura desperta,
 a lembranza, coa duda que volve,
 fai que ós ceos pergunta por ela,
 e pergunta a mí, se foi certo
 que a fada ou quimeira,
 ó pasar pol-a veira do río
 a vin e mireina,
 e que a mí se virou e faloume
 con fala de meiga,
 n-unha noite de vrán moi lexana,
 n-unha noite calada, e sereal!....*

MARQUÉS DE FIGUEROA



De LEONARDO COIMBRA a VICENTE RISCO

MEU QUERIDO AMIGO:

Recebí o primeiro numero da revista «NÓS». Magnifica! O seu artigo é, meu amigo, o mais belo hino á terra e uma perfeita concepção do verdadeiro amor religioso. Ninguén mais do que eu sentirá a verdade e a beleza desse verbo d' amor. Aprovo inteiramente a sua teoria da lembrança e sinto en ação no seu pensamento as forças profundas que abriram a boca de Platão.

Creio que Platão ande muito ignorado até d' aqueles que profisionalmente se fazem a obrigaçao de o estudarem.

Esquecem ou ignoram que o mundo sensivel era tanto mais real quanto mais participava do mundo das ideias.

Se esse mundo das ideias era a verdadeira patria espiritual das almas, aquela patria d' onde elas traziam a reminiscencia da verdade e da beleza, não significa isso que tal mundo seja num Espaço impenetravel e distante.

O mundo ideal e o mundo sensual penetram-se e este mesmo só existe pelo que contenha d' aquele.

De modo que a reminiscencia tanto pode dar apenas a forma do mundo sensivel, os tipos, ou condições da Experiencia, como a propria experiencia do passado a integrar e dirigir na experiencia do futuro.

Basta que o mundo sensivel participe inteiramente da Ideia do supremo Bem, para que ele seja a continuidade amorosa dum espirito que se lembra do convivio passado e inventa novas dadivas de mais pura e perfeita comunicação. O Supremo Bem de Platão, a nossa Divinidade, não pode sér uma Unidade estranha á grande sociedade das almas e sérres. Deus é a grande Unidade amorosa das almas que *convivem*.

Sempre que essa convivencia é perfeito acordo musical, *convivemos* em Deus, coincide o mundo sensivel com o mundo das Ideias: tanto d' ele participa que é a sua propria vida de comprensão e amor.

Eis porque ha *terras* que seriam *ceus* se eternas podessem sér.

Sim; ha terras onde a convivencia é divina, como ha terras em gritos, desharmonia e guerra. Aqui na minha região não ha un animal venenoso: uma criança pode adormecer sola ó luar sem que da sombra a espreitem gulas sinistras. A agua é fresca e pura, a herba murmura canções de agua escondida e sobe ela, insectos inofensivos realizam seus esponsaes.

Mais alem—a caminho de Traz-os-Montes—ja se oculta o veneno de más vontades elementares que defendem a fealdade da sua peçonha, as aguas mortas marcam a região infernal do paludismo.

Alem a inocencia dum sono infantil tem a natureza como anjo da guardia aqui séres elementares e vagas formas de maldade espreitam o sono e a vigilia do homem prevenido.

Eis uma terra que feita eterna (plasmada en lembrança), poderia ser o proprio ceu.

Eis outra que só pode existir em vida essencial nas sombrias dobras do manto da Saudade. Uma feita lembrança, é o proprio Ceu; a outra só consente a lembrança do seu corpo de sombra, a representação estética da sua função dramática.

Unidos, ou antes *Reunidos* em Deus, hemos de levar copiada em Memoria a convivencia da Terra dos nossos amores, reduzida a esquema funcional da luta que foi o nosso Exilio da Divinidade, a sombra de lembrança d' aquela outra terra das nossas desinteligencias e guerras.

A sua Galiza vai consigo, é fé no corpo de lembrança que duplica e sustenta o seu corpo anedótico da fisiologia.

O seu artigo não foi escrito pela imaginação individual dum homem, ele é contemporaneamente a oração dos seus campos, vinhas, eidos, árvores, aguas, camponeses, zagaes e cupulas de bronze sobre vales e montanhas. Oração quer dizer, vida, antes, convida de todas as almas belas, de todas as cousas belas na grande Harmonia Cósmica.

Por isso tem força de eternidade, e no interior das suas palavras, na invisivel dimensão em que elas nascem ha uma vida e um calor de coração bastante a animar a inmensidão dos mundos. O Verbo é criador. Ja os egípcios tinham o Deus das tonalidades justas. Veja como este Verbo ressoa em todos os séres e, circundando-os, os leva penetrados d' amor e convivencia ao grande seio divino.

Os meus amigos vão dizendo palavras de tonalidades justas, de tal modo que en tenho saudades das terras de que falam, e onde em corpo fisiológico jamais fui.

As vossas terras são «aqueelas terras onde ainda não fuí...», são ja terras da minha Saudade!

A minha lembrança é ja enriquecida das vossas belezas. Por vós o meu mundo cresceu e na vida eterna ja me sonri o calor amigo dessa convivencia.

Ja me vejo ao fogo do vosso lar, ao lume das vossas arvores, relembrando.

E, por despedida, o meu pensamento cinga as terras do meu amor com a terra galega e as vossas almas e aquí fica vivendo, ia a dizer, na Saudade do Reencontro.

Seu

LEONARDO COIMBRA





GALIZIA CÉLTIGA



A Don MANUEL MURGUIA, respeitosamente

I

A sinificación do Celtismo



Imos tratar ei-qui, por razões d' oportunidade estórica—xa que os pobos célticos sei-ca queren vir de novo á actualida-de—da época mais escura da Estoria de Galizia. Nun falar sinxelo, esquemático, y-em-pregando as me-nos verbas que se poída.

Enantes d'entrar na materia, faremos unhas breves consideracions. É o conto que non hai estoriador serio de Galicia que non poña na raza celta o fundamento da nosa nacionalidade, e non hai escritor nazionalista que deixe de proclamar baruda y-orgullosamente a orixe céltiga do pobo galego, bastra com'unha bandeira de revolta. Compre, polo tanto, por en craro a sinificación do Celtismo na Estoria d'Europa, e mais a sinificación do Celtismo na nacionalidade galega.

Ora, os Celtas son pobos de raza e lingua indoeuropeas, establecidos no Centro y-Oeste da Europa, na que propagaron, na Antigüidade, as civilizacions de Hallstatt e de la Tène, e na Edá Media, o espírito cabaleiresco. Os estoriadores e xeógrafos gregos e romanos, sinalan cos nomes de Celtas, Galos e Galates, e c'outros nomes que desíñan as diferentes naciós, coma Belgas, Britanos, Galaicos, etc.

Con unidade politeca ou sin ela, os Celtas chegaron a constituir, no século VI antes de Xesucristo un imenso Imperio que s'estendia, dende Coimbra deica Cracovia, por toda a Europa Central, Atlántica e Hiperbórea, in-

cluindo o Norte d'Italia y-anha parte da Asia Menor. Iste poder céltigo precedeu ó de Roma. Os Celtas, pensan moitos autores, qu'estiveron en posesión de todal-as comunicacions por terra co Oriente e coa India. Antr'eles, unha caste que s'imita moi loito á dos Rishis da época védica, os Druidas, eran os depositarios d'unha vella tradición relixiosa e filosófica, que s'acha moi perto do Orfismo, do Pitagorismo e das doutrinas indias, e que supón unha moi antiga sabencia, superior en ben cousas á do mundo mediterráneo. A cultura material dos Celtas, polo que podemos enxergar polos restos descubertos nos enterramentos, nos oppida, nas citanias, non era en moitos aspectos inferior á dos mediterráneos, e do seu estado social non temos noticias estóricas d'abondo pra xusgarmos de si non chegaron en algures a un desenvolvemento politeco coma o de moitos Estados gregos, y-as que temos vefien dos seus nemigos, que tenderon sempre a presentar coma bárbaros os pobos que non participaban da súa cultura.

Por iso, hoxe, son moitos os autores que, tirándose d'aquel prexuicio herdado do escrusivismo grecolatino, e fundados en inferencias estóricas de moito peso, sostien que os Celtas tifan chegado, orredor do ano 500 antes de Xesucristo, a estabrecer do Ponto Euxino ó Atlántico a sua hexemonía intelectual, industrial e comercial, agás da hexemonía politeca qu'exercían sobre toda a Europa non mediterránea. Hai quien di que a Civilización latina debe a sua supremacia a ter recollido, agás das esencias da cultura dos gregos, a considerabel aportación da dos antigos Celtas, igual polo menos á d'aqueloutros.

Non embargante, os Celtas da Antigüidade achábanse ainda nos comenzaos d'unha civilización que houbera sido a nosa, entroques da grecolatina, si as condicions especiais da vida n-aquiles tempos non fixera politecamente mais favoravel a posición dos pobos mediterráneos, o que favoreceu ó Imperio Romano pra poder asoballar ás naciós célticas, detendo o

desenvolvimento da sua civilización. Tal foi o resultado das guerras viriáticas e das Galias.

Logo, a constante presión do Imperio, imponiendo militarmente a romanización, e mais despois, as invasións dos pobos xermánicos, foron arreconchegando os Celtas nos extremos mais occidentais da Europa, nas illas y-ond'a terra europea mais se mete no mar Atlántico: Irlanda, Gales, Cornualle, Bretaña, Galicia... Elles ficaron isolados y-hasta con pouca comunicación entre elles mesmas. O Druidismo, esencia espiritual da sua civilización, preseguido cruelmente polo Imperio Romano, chegara a desaparecer das terras célticas continentais.

Porén, o Druidismo conservárase nas Illas Británicas, e na Edá Media tivo a sua expresión na poesía dos Bardos. As loitas de defensa contra os anglo-saxóns, deron nacemento á grande epopeia da Táboa Redonda que traguió dentro un novo espírito celto-cristián, que polo séc. XII principia a s'espallar pola Europa. Gaña Francia, Galicia e Portugal, y-a fin da Edá Media tiña xa trasformada por completo a ruda sociedade feudal, que os xermanos tiñan posto en lugar da sociedade burocrático-militar dos romanos. Era o espírito cabaleiresco, unha concepción da vida na que ainda non afondaron bén os pensadores, e que enche as leendas do Rei Artur e do noso Santo Graal.⁽¹⁾ Ás que os hispano-romanos chamaban *Materia de Bretaña*, e que, co famoso pseudo-Turpin, comunicouse á literatura hispana polos tradutores e imitadores do libro galaico-portugués d'*Amadis de Gaula*.⁽²⁾

Ás ideias cabaleirescas debe a Europa a noación da honra e mais do respeito á personalidade do home. Todas as ideias modernas venen d'el.

Derradeiramente, hoxe, os pobos célticos entran nunha nova época da sua vida. Revóltese Irlanda; Bretaña e Galicia escomenzan a rebulir arelando a reivindicación da sua personalidade. É un feito estórico. É un feito estórico que pode trazer atrás d'el moitas cousas, que pode cambiar a dirección que leva a civilización europea nun senso muito mais espiritual, moi mais conforme coa dinidade da especie humana. O entraren os pobos célticos outra vez na vida autiva da estoria, sinifica dende logo o definitivo desprazamento do centro de gravedade do mundo,

(1) É moi curiosa a opinión que fai derivar o nome de Galicia (Celtibia) do Cáliz ou Graal que figura no escudo de armas do noso antigo Reino.

(2) O cervantismo fixo perdeu o creto de tal xeito ás *Láboras de Cabral*, que a atención dos homes cultos arredouse d'elles, cando tanto porvente se podería sacar do seu estudo, se se tiraran d'ise prexulso que a platinou do espírito castelan, aliada co clasicismo; botouriba d'elles.

NÓS

do Mediterráneo pr' o Atlántico, e tamén o fin da civilización latina y-o abrirse unha nova éra, fóra dos cálculos dos polítecos e dos sociólogos. Antr' os autores qu' a restora rebulen na Europa, isto espertamento dos pobos célticos pode parecer o mais cativo y-o que menos resultados pode trazer. Os qu'esi pensen, engánanse ben...

Eis a sinificación do Celteismo na Estoria d'Europa. Ora, na nacionalidade galega sinifica a superioridade indiscutible da nosa Raza sobre das razas morenas euroafricanas da Iberia, e polo tanto, a inxusticia de que sexamos domeniados e gobernados por elles. Sinifica a nosa potencialidade de crearmos valores culturais e sociais propios nosos, e polo tanto, o noso direito a termos un valor internacional, y-a inxusticia de que sexa Castela quen leve por nós a voz no mundo. Sinifica que, quitando Portugal, non temos verdadeiras afinidades étnicas con ningún outro pobo d'a Península, y-en troques, temos moi grandes c'outros pobos europeus: con Irlanda, coa Bretaña, con Escocia, con Gales; que somos elquí un pobo aparte, que as tradicións hispanas das glorias de Castela, do Arabismo, do Século d'Ouro, da Mística, non son nosas, nin están no noso ser, ni-nos podemos encarriñar co'ellas. Sinifica o noso direito á autonomía políctica y-a absoluta independencia no que toca á cultura.

Vel-eih está o porque os estoriadores galegos, os Verea y-Aguilar, Vicetto, Saralegui, Murguía, Villaamil y Castro, Tettamancy, Maciñeira, Fernández Alonso, Amor Meilán, teñan sempre empeño en pór de manifesto a gloriosa ascendencia céltica do pobo galego. Porque ises homes, coas suas paciencias e piedosas investigacións, foron e son, anque algúns cecais non se decaten d'elos, os creadores da conciencia nacional galega.

II

As poboacións pre-célticas da Galicia

Fundándose nos testos d'Herodoto, Hecateo de Mileto e mais Avieno, os mais dos estoriadores non galegos, poñen a entrada dos Celtas na Península Ibérica orredor do ano 500 enantes de Xesucristo. Inda que non teñamos esta afirmación por indiscutible, ela ponemos no caso de termos que mirar cales poderon ser as poboacións de Galicia enantes da chegada dos Celtas.

Murguía, reconhecendo ter habido poboacións pre-célticas na nosa Terra, dálas por inteiramente descoñecidas, afirmando que d'elas,

nada se pode dizer.(1) Outros mais modernos como Amor Meilán(2), perdense en suposiciós sobre dos Kymris, os Ligures y os Iberos; con más erudición que críteca. Total, que non hai, nos nosos estoriadores, nada que se poda aproveitar sobre do conto.

Raza de Mugem

Imos ver s' é que sacamos algo por outro lado. Non hai noticia de restos osteolóxicos paleolíticos en Galicia. Nos comenzos do neolítico, pobou Portugal unha raza chamada de *Mugem*, da que, os restos, atopáronse nos *kjoekkenmoeddingen*(3) do val do Texo. Esta raza foi clasificada no grupo dito de *Beaumes-Chaudes* (das covas de Beaumes-Chaudes, Lozère, Francia) tipo humán qu' aparece coma único nas sepulturas neolíticas da zona occidental da Francia, namentres que na oriental, aparece misturado co tipo braquicéfalo de Grenelle. O tipo de *Beaumes-Chaudes* é dolicocefalo e imita muito ó de Cro-Magnon, polo que cáxeque todolos autores téneno coma autóntono(4). Sería, pois, pertencente á estirpe *euroafricana* que según o antropólogo italiano Sergi, comprendería a raza de Cro-Magnon e mais as razas estóricas mediterráneas: ligures, Iberos, pelasgos, sirios, exípcios, libios.

Ora, en Galicia apareceron, polo menos, dous *kjoekkenmoeddingen*(5). D'un d'iles, es-

prorado, ante Vilagarcía e Cambados por don Ramón Valle, trai noticia Murguia(1). Contiña cunchas d' ostra, berberecho e mexillón, ósos d' animais, testos de cerámica, y unha calivera d' home, que se perdeu sen ser estudeada. Esi non sabemos de certo s' aquela calivera sería da raza de Mugem, ou de Beaumes-Chaudes, anque premitan supoñelo a imitanza de civilización y-o atoparmos esa raza repartida por tod' a costa O. d' Europa.

Da edá neolítica, ou da do Bronze, seica hai caliveras galegas no Museu d' Estoria Natural de Madrid, sen que se sepa que foran estudeadas de xeito serio. Da Edá do bronce temos muitos restos arqueolóxicos que testemoyan unha raza ben civilizada. Cal podeu ser a raza esa? Pódese identificala con algunha das razas estóricas europeias?

Ligures

O ilustre investigador alemán Adolfo Schulten é o autor da teoría que hoxe ten mais creto sobre da poboación proto-estórica da Península Ibérica(2). Como indica o sabio profesor da Universidade de Barcelona, Sr. Bosch Guimpera, a teoría de Schulten está sendo confirmada polos achados arqueolóxicos. Schulten, despois de moitas esporas en España e d' un fondo estudo das toponimias e mais dos testos dos autores antigos, establece que os habitadores mais antigos da Península foron os *Ligures*, que ocuparon toda inteira, sendo a sua reliquia derradeira, os vascos. Apóyase en testos d' Eratóstenes, que chama á Península Ibérica *Ligustiche*, y en Avieno que dí que ó principio todo o Oeste da Península era ligur, e fala do *Ligustinus lacus* no Betis baixo, e do *Pernix ligus* na costa Noroeste, e dos costumes dos habitadores do Algarve e do promontorio Sacro; interpreta tamén sabiamente a Hesiode, Eforo, Tucídides e pseudo-Seylax, y as toponimias que levan os sufijos *asca* e *ur*.

Os ligures, chamados polos gregos *ligues*, e *liguses* ou *ligures* polos latinos, son pra Schulten unha raza pre-arya, d' orixe africana, que nunha época moi recuada, estendense pola Europa occidental inteira, ocupando a *Ophiusa* (Galicia, Portugal, Cantabria) e mais a *Estremadura* (Bretaña) d' Avieno, e tamén as illas Británicas.

Igual pensa Camille Jullian(3), quen dí que os Ligures ocupaban dende a Xermania ás illas

(1) Manuel Murguia, *Galicia, col. España y sus monumentos*, Barcelona, 1888, pax. 20.

(2) *Historia de la provincia de Lugo*, t. I, «Edad prehistórica», Lugo, 1918, cap. II.

(3) Os *kjoekkenmoeddingen* ou «restos de cocida» son montões de cunchas de mariscos, ósos, espiñas de peixe, instrumentos de pedra, óso e cornu, testos de cerámica, y ás veces ósos humanos, qu' apareceron primeiro en Dinamarca, e logo en Portugal, Andalucía, Galicia e toda a costa atlántica, sahando os sitios ond' os homes dos comenzaos do neolítico faguan pouxa e preparaban o seu xantar. Vid. Dechelette, *Manuel d' Arqueología prehistórica*, t. I, pax. 322, Paris, 1908.

(4) J. Dechelette, *Ob. cit.*, pax. 482.

(5) D. Ignacio Calvo, na sua memoria sobre as esporas que fixo na cintana do monte Santa Tecla, nos anos 1915 a 1920, fala d' unha morea de cunchas de mariscos y dous de testos domésticos qu' atopou a carón das construcións da devandita cintana. Mais inda qu' ille chame *kjoekkenmoedding*, aquil depósito non é da época arqueolóxica dos verdadeiros *kjoekkenmoeddingen*, que pertenecen á época de transición do paleolítico ó neolítico, chamada por algúns paleolíticos mesolítico, e por outros *epipaleolítico*, se non que é da época do bronce, xa que n'il, atopáronse azules de cobre y unha fibula de bronce, sen testos, ademais, de cerámica, nin pedras pr' ó lume. Era, sinalmente, un sitio ond' os habitadores da cintana botaban os desperdicios, non un *kjoekkenmoedding*. (Confróntase a memoria: *Monte Santa Tecla. La Guardia, Postres de la Exploración arqueológica efectuada en los años 1915 a 1920 por D. Ignacio Calvo*, Madrid, 1920, con Obermaier, *El hombre fósil* e Bosch Gimpera *La Edad de la Piedra*, Col. Minerva, Barcelona.)

(1) Murguia *Ob. cit.* pax. 32.

(2) A. Schulten *Nunquam die Ergebnisse der Ausgrabungen*, *I Die Kelten und ihre Kriege mit Rom*, München, 1914.

(3) *Histoire de la Gaule*, Paris, 1908-1914.

do Mediterráneo, dos Alpes ós Pirineus, e dend' os Pirineus ó Atlántico, chegando á mesma Irlanda. H. d' Arbois de Jubainville, o eminente celtista, di que os Ligures enchián, enantes da época céltiga, a parte meirande da Europa occidental(1). O ilustre Martins Sarmento apoia a mesma ideia(2).

Os Ligures eran tribus labregas, de caste pequena, de moita resistencia, moi traballadores e moi esclavos. Vestianse de pelicas de cabra e carneiro; adouraban as pedras, os rios, os arbres; foron tamén mariñeiros: as barcas de pelica dos antigos galegos son según Schulten, d' invención ligur. Os autores din que foron os costrutores dos molimentos megalíticos. Dechelette atribuelles a invención da *fouce* y-o comercio do ámbar(3). Julian atribuelles a do bronze, e di que d' illas tomaron os celtas a relixión naturista y-outros elementos de civilización.

Tocante á sua orixe, xa non hai conformidade: Schulten di que non son indoeuropeus, e que proceden d' África com' os Iberos, os Lybios e demais pobos mediterráneos. Igual é a opinión de Sergi. Julian di que son a resultancia das misturas e das trasformacións das poboacións europeas dend' a época trogloditeca. Cuno e Maury pensan qu' eran indoeuropeus ou *Celtas enantes de s' empregal-a verba Celta*. Martins Sarmento distingue os *Celtas da arqueoloxía* ou Ligures, dos *Celtas da estoria*. Os arqueólogos portugueses propenden a identificar os Ligures co' a raza de Mugem, da que sería unha continuación estórica.

Da presencia dos Ligures en Galicia, parés que non colle dúbida. As toponimias de raiz e sufixo ligur (danse como ligures as terminacións *asco-asca*, *usco-usca*, *osco-osca* e Schulten a terminación *ur*) hainas principalmente na provincia de Lugo. Amor Meilán trai as seguintes, tomadas de d' Arbois de Jubainville: *Carrasco* (Oro) dudosa; *Gondaisque* (Villalba); *Viascos* (Carballedo)(4). A elas podemos axuntar nós: *Biscoas*, *Bascos* de Carballedo, *Bascos* de Montforte, *Biascós*, *Codaisque*, *Pazcais*, *Reascos*, Santa Eulalia de Oscos, etc. O sufixo *ur* aparece na d' Ourense: *Seadur*, *Asadur*, Cecais *Buriz* e *Bures*; *Alba*, que Schulten da tamén coma ligur, repítese en distintas formas nas catro provincias. Hai toponimias ligures en Portugal e por toda Hespaña adiante.

(1) H. d' Arbois de Jubainville, *Premiers habitants de l' Europe*, 2.ª ed., II, pax. 210.

(2) Martins Sarmento, *Ora marítima*, Os arqueólogos, na *Portugalia*, vol. I.

(3) *Manuel d' archéol. préhist. celtique et galloroman*, t. II, pass. 13-18.

(4) *Historia de Lugo*, pax. 83.

Na arqueoloxía, os tipos mais característicos da industria galega do Bronze, son: o *machado plano y-o puñal triangular*, común a toda Europa na Edá do Bronze I; o *machado de talon* con unha ou duas asas (tipo chamado do Miño), que Dechelette di orixinario da Península Ibérica, é moi pouco común en Suiza, Saboya, Italia e terras ligures de Francia, común en Bretaña; os *colares e brazaletes d' ouro* feitos d' unha fita ancha d' ouro, coa parte do centro dividida con incisións horizontais. Son das xoías mais ricas da soberbia colección do Sr. Blanco Cicero. Apareceron do mesmo xeito en Portugal, en Bretaña e mais en Scandinavia(1). Ningún d' iste tipos é ligur. A fouce de bronze que Dechelette fai característica dos Ligures, e que di foi levada por illas á Sicilia, send' o seu héroe epónimo Sikelos ou Sículos unha persoificación da tal fouce, non foi atopada, que seipamos, en Galicia mais que un exemplar, na citania do monte Santa Tecla (Abóbriga?) que non parés de tipo ligur, tampouco. Pouco podemos sacar, logo, da arqueoloxía.

En troques, os Ligures terían trasmisido ós nosos Celtas, coas suas creencias e prácticas relixiosas naturistas, os seus costumes sedentarios y-agricolas.

Ligures e Celtas

Agora cumpriría vermos si os Ligures non poderían ser étnicamente identificados cos propios Celtas. Cuno, Maury, Martins Sarmento, o mesmo Julian, propenden á afirmativa. Hai antros Celtas y-os Ligures comunidá de creencias e prácticas relixiosas. Unhos y-autros utilizaron as costruccións magalitecas. A lingua dos Ligures non sobreviviu en ningunha fala moderna, e non é seguro que teñamos restos d' inscripcións escritas no seu idioma; os nomes dos lugares da Liguria romana, teñen nas suas raíces e sufixos algunha imitanza cos elementos das lingua indoeuropeas. Algunhas inscripcións do sul da Francia qu' hoxe s' atribuyen ós Ligures, foron outrora tidas coma dos Celtas; sinal de que non eran lingua moi arredadas unha da outra(2).

Ainda mais: primitivamente, os Celtas foran designados polos gregos co nome d' *hiperbóreos*. Georges Dottin(3) cita testos de Posidonio, Heráclides do Ponto, Hecateo d' Abdara e mais o Escoliasta d' Apolonio de Rodas, nos que a verba *hiperbóreos* é sinónima de *Celtas*. ora, os

(1) Dechelette, Ob. cit. pax. 257.

(2) Ibid. pax. 9.

(3) *Manuel pour servir à l'étude de l'Antiquité Grecque*, Paris, 1915, pax. 22.

Hiperbóreos estaban no país do ámbar, á veira do mar Báltico, e tiñan coma divisa ou coma *totem*, un cisne, do que o culto iba xunto co culto do Sol. Pois iste mesmo culto do sol e do cisne, era practicado polos Ligures; dos Ligures recibian o ámbar os pobos mediterráneos, e son moitos os escritores antigos que dian que o ámbar se colle no país dos Ligures. D'elquí que non fose descamillado A. Bertrand cando considerou os Ligures y os Hiperbóreos ou Celtas com' unha mesma raza(1).

Téñase en conta que o cisne volve aparecer na Eda Médea, nas leendas célticas, especialmente na do Cabaleiro do Cisne (*Lohengrin*) e G. Poisson recofece no cisne de *Lohengrin*, ó *totem* ou cisne solar dos Hiperbóreos, ó tempo que demostra a orixe puramente céltica da leenda de *Lohengrin*(2).

Todo iso hai en favor da identificación dos Ligures cos Celtas, millor dito, de podelos considerar coma do mesmo grupo étnico. Endebén, por relativa que sexa a identificación, non deixa de ter serias dificultades, principalmente, na arqueología, e logo en outros datos, polo que Dottin e Dechelette, antr' outros, son nemigos d'ela.

Kymris

Tocantes a unha suposta invasión da Galicia polos Kymris, coma pobo distinto dos Celtas, ocurrida antr' os séculos IX e VI enantes de Xesucristo, é cousa que se ven repitindo dos dous outros, por caxeque todolos estoriadores galegos. Os Kymris tifian coma insinia totémica un dragón ou unha serpe, e d'iles virian as toponimias compostas coas raíces: *Cam*, *Camb*, *Cambr*, *Cim*, *Cimbr* e *Cron* (*Crown*, *Cren*) coma Cimbro, en Sequeiros (Quiroga); Crin, en Villares de Trasparga; Camba, en Jove, Orol, Chantada, Caldelas; Cambra, Cambrelle, Cambrás, Cambre de Carballo etc. Serían tamén os introdutores da ofiolatría en Galicia(3).

Os estoriadores galegos, agás de diferenciar os Kymris dos Celtas, confundenos cos Cimbros. García de la Riega, a maiores, di que os Kymris son os *Cimmerios* escitas do mar d'Azof. Coma caxeque total-as conxeturas aventuradas y-acomodadas os seus prexuicios, do autor da *Galicia Antigua*, esta áchase lonxe das concrusións da críteca moderna.

Dottin(4) demostra que a fonética oponse á

(1) A. Bertrand, *La Gaule devant les Gaulois*, 2.ª ed., pax. 247.

(2) G. Poisson, *L'origine céltique de la légende de Lohengrin*. Extrait de la *Revue Celtique*.

(3) Amor Meilán, *Historia de Lugo*, pax. 32, e Celso García de la Riega, *Galicia Antigua*, Pontevedra, 1904, pax. 97-98.

(4) Manuel, pax. 23.

identificación dos nomes *Cymry* e *Cimbrí*. *Cymry*, nos tempos romanos, houbérase dito *Combrogos* e non *Cimbrí*, e todo nome céltigo que principia en C, ten que principiar en lingua xermánica en H, asegún a lei de Grimm. César, Strabon, Tácito e Plínio dan os Cimbros coma xermanos. E *Kymri* era o nome que levaban os Celtas do país de Gales na época da invasión dos Anglo-saxons. Pra Amadeu Thierry y-Alexandre Bertrand, os *Kymri* eran unha das duas grandes ramas dos Celtas primitivos.

Polo que toca os Cimmerios, tampouco hai relación antr' iste nome y-o dos Kymris, coma testen demostrado Zeuss e d'Arbois de Jubainville(1). Dottin(2) di que Posidonio, Strabon, Diódoro e Plutarco, supofien que a verba *Cimmerios* pode ser a forma grega do nome dos Cimbros, o que, lonxe de nos levar a térra os Cimmerios por antepasados dos Celtas lévanos a asegurar que son raza distinta.

Iberos

As etimoloxías vascas e ibéricas de García de la Riega non resisten á críteca. Pra ser feita por un home que non tiña unha gran preparación, a *Galicia Antigua* representa un esforzo considerabel. Tamén revela unha grandeinxeniosidade posta ó servicio do *parti-pris* que no caso de Don Celso, era de s'arredar do criterio dos máis e de ll' emendal-a plana ó insine Murguía e quitarill' o creto que tan ben gañado ten o vello Mestre.

Tamén ó esprador do monte Santa Tecla, Don Inacio Calvo, dalle por dicir que aquellas ruinas habitounas «una raza fuerte, trabajadora, sencilla, cuyos individuos se llamaron primero aborígenes, luego iberos, luego hispánicos y ahora gallegos». Tal di na sua pouco documentada memoria das esproracions(3). Di, moi afouto, que non transixe n'esta sua opinión. E un xeito moi fácil de botar por terra todolos estudos feitos sobre da Hispania primitiva... Amor Meilán, na *Historia de Lugo*, acolle tamén a posibilidade d'unha colonización ibérica na Galicia proto-estórica. Nada más lonxe do evidenciado polos estudos modernos.

Os Iberos, pobo *hamítico*, de raza lybio-beber, ou eurafricana, estendido dende tempo moi recuado polas costas do Mediterráneo occidental, non aportaron por esta Terra endexamais coma pobo inmigrante e colonizadore, polo xeito dos Celtas. Os estoriadores e xeó-

(1) Dechelette, *Manuel d'Archéol. préhist. celtique et galloroman*, t. III, pax. 558-561, nota.

(2) Manuel, pax. 23 e 24.

(3) Citada n'unha nota de maior enriba.

grafos antigos poñen en Galicia *Saeſes* (pobo céltico, como demostrou Schulten) e logo *Celtici* e *Callaici*, pobos que cos seus nomes demostran claramente a sua orixe céltica, e nunca Iberos. Unha lenta y-escasa infiltración ibérica podede principiar co-a colonización romana, pro non enantes d'ela, e de todos os xeitos debeu ser de pouca importancia, pra que nós podamos conserval-o noso caráctere que en nada s'imita co dos seus descendentes.

Schulten demostrou, co estudo atento dos autores antigos, das toponimias, dos costumes, da arqueología céltibérica, que os Iberos ocuparon primitivamente a Turdetania, e deron o nome de *Iberus* ó río Tinto. Somentes os habitadores d' aquelas rexións se lleu deu o principio o nome d'Iberos. O resto da Península n-aquél tempo, era ligur. Logo avanzaron pol-a costa oriental, car' o N. y-ocuparon a rexión do Ebro (*Iberus*). A cronoloxía d' istes movementos non é ben certa.

Bosch Gimpera(1) di que no Ebro está probada a poboación ibérica dend'o século V enantes de Xesucristo; teñen eli un centro de civilización que vai collendo os progresos dos seus irmáns do E. e S. e que ten o seu cumio no século III. A todo esto, os Iberos non pasaran as serras pr'a Meseta castelá, ocupada por Celtas dend'o século IV. Pol-o ano 500, os Iberos penetran na Galia y-ocupan Provenza y-Aquitania, rempuxando os ligures á outra veira do Ródano. O Sur da Galia fica entón dividido en duas mitades soparadas pol-o Ródano: Galia ibérica ó Oeste, e Galia ligur ó Este, ficando o Norte xa os Celtas, que venían sendo as tres provincias etno-arqueolóxicas que Dechelette sinala na Galia da Edá do Bronze(2). No ano 400 os Iberos son botados fora da Galia polos Galos, e venen Ródano abajo car' o Mediterráneo, e seguindo pol-a costa en dirección W. entran de novo na Península e pasan á Meseta Central, da que van botando os Celtas, logo na Lusitania, hasta deixar os Celtas puros arreconchegados na Galicia e no Algarbe, duas comarcas nas que os Iberos non penetraron. Estos son os datos que se sacan do estudo das fontes, e que van apoiando os derradeiros achados arqueológicos.

A fantasia dos iberistas débese deter diante dos datos positivos da estoria, da arqueología e do folk-lore, os que, todos a unha concurren a nos presentaren unha Galicia céltiga sen máis

mistura d' iberismo, ó menos n-aquél tempo, da que poderán sinifical-as relacións comerciais que nos trouxeran tal vaso pintado ou tal barro saguntino.

En xunto: parece probada en Galicia a poboación ligur. Non sabemos ben o que nós, o que os Celtas todos deberemos ós ligures. Os Kymris, celtas eran. Pro, *nin Iberos, nin Vascos* (ó menos os Vascos de Don Celso); con Verea y-Aguiar, con Saralegui, con Murguia, repetimos: Galicia é toda céltiga, toda nórdica, toda europea.

III

Informacións estóricas tocantes os Celtas

Fontes

Dottin(1) trai unha lista dos autores gregos e romanos que se teñen ocupado dos Celtas. H. d'Arbois de Jubainville fixo un fondo estudo crítico d'ises testos no seu libro: *Principaux auteurs à consulter pour l'histoire des Celtes*, t. XII do seu *Cours de littérature celtique*, 1902. Fóra d'esto, hal os datos da arqueología, da antropología, da lingüística e do folk-lore.

Y-ainda queda a literatura céltiga da Edá Media (Irlanda, Gales, Armórica) que se debe estudar aparte.

Nomes dos pobos célticos

Os escritores antigos desíñan o conxunto das tribus célticas cos nomes de *Keltoi*, *Celtae*, *Galli*, *Galatai*, *Galatae*. Drento d' istas denominacións compréndense os pobos seguintes: *Keltikoi*, *Celtici* (Celtigos) en Galicia, Algarbe e Bética (Strabon III, 1, 6; 3, 5.)—*Keltibéres*, *Celtiberi*, antr' as fontes do Anas e Betis (Diodoro, V; Strabon, III.)—*Gallo graeci*, *Ellénogalatai* (*Gallates*) na Asia Menor (Tito Livio, XXXVIII, 17; Strabon, II, 5, 31; Diodoro, V.)—*Keltogalatai*, *Galli*, *Galli Transalpini*, na Galia (Tito Livio XXXIX, 29; Polybio, II, 15; Strabon, IV, 6, 3.—*Galli Cisalpini* no N. d' Italia (Tito Livio, XXVII, 38.)—*Belgae* antr' o Rhin y-a Marne (*Guerra das Galias*, I, 1.)—*Britanni* ou *Brittones*, na Gran Bretaña.—*Caledonii* ou *Caledones* e *Picti* en Escocia.—*Scotti* en Escocia y-en Irlanda(2).

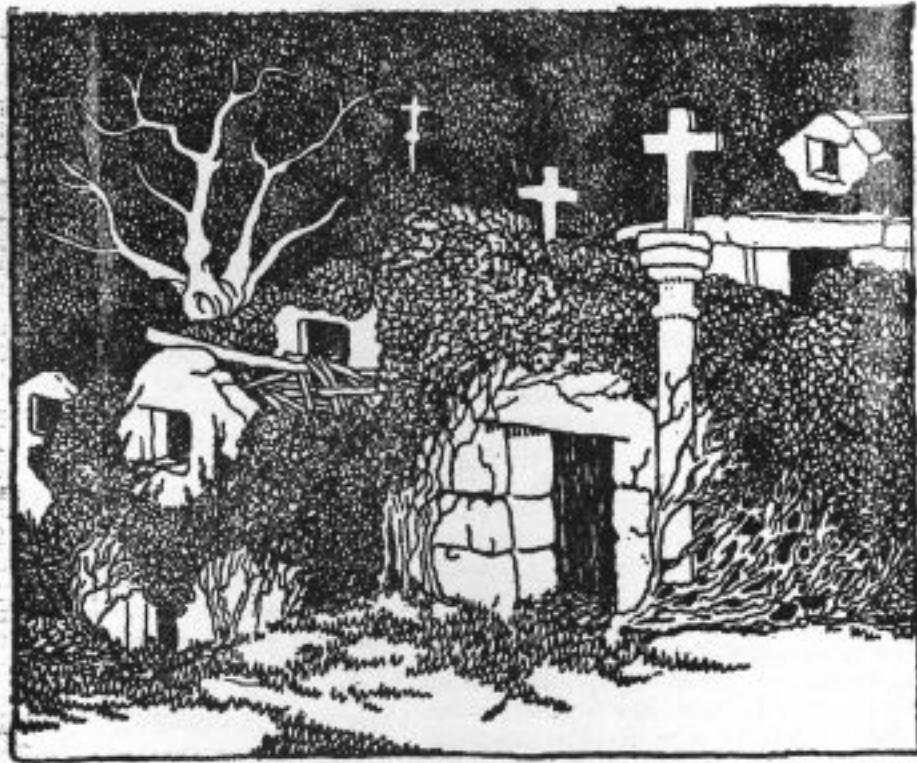
Xa dixemos tamén qu' o nome d' *Hiperbóreos* pudo moi ben desíñar os primitivos Celtas.

(1) *Las últimas investigaciones en el Bajo Aragón*, Rev. Histórica de Valladolid, ano I, n.º 6 e 7, 1905, pax. 185.

(2) *Manuel d'Arch. Préhist., Céltiques et galloromanes*, t. II, Cap. I, pax. 2

(1) *Mauzel*, pax. 2 e segs.

(2) Dottin, *Mauzel*, pax. 12 e segs.



*Foi que n-unha noite moura os do lugar,
armados ladrós, roubaron o tesouro d'un sonado
mosteiro.*

*Agardand' o intre do reparto da riqueza o
capitán enterrouna en sitio segredo; mais ó si-
guente dia o capitán apareceu morto no seu leito
e nunca más se soupo do tesouro.*

*Dend' aquela todas foron desgracias. Morrian
as xugadas, merdabanse os froitos da terra, mo-
rrian entangarafados os rapaces, secabanse as
fontes... Pra escorrental-o mal fado ergueron cru-
ceiros aceito. No remate sóupose todo e ainda case
o lugar está illado das xentes de ben.*

CASTELAO



Raza e lingua

Os clásicos distinguen craramente os Celtas de todos os outros pobos europeus, incluso dos Xermanos, c'os que dín que tiñan molta somellanza(1). Pol-a lingua, pol-a somellanza cos Xermanos, pol-os costumes, pol-o tipo, vese ben qu'os Celtas eran indoeuropeus e pertencían á raza arya.

Os antropólogos distinguen dous grupos nos Celtas: un grupo braquicéfalo, de caste pequena e cabelos castaños, y-outro dolicocéfalo, d'outa estatura, pel branca e cabelo loiro(2). Do tipo físcico dos antigos Celtas, podemos sabere pol-o que nos dín os autores clásicos, pol-os ósos das sepulturas célticas e más pol-as representacións de Celtas nos molementos antigos. Os estoriadores clásicos están d'acordo en qu'os Celtas eran más altos qu'os soldados romanos, e menos qu'os Xermanos; qu'eran loiros ou roxos, brancos e moles(3). Dottin supón que xa n'aquel tempo había ántr'eles variedá de tipos.

Os esqueletos galos parés que non son de moita talla (1'66 m. na Marne, 1'70 m. na Vindelzia). Os índices céfálicos están misturados, nas sepulturas da Galia e da Gran Bretaña (4). As representacións dos Celtas nos molementos figurados, foron estudadas principalmente por Salomón Reinach(5), M. von Biennowski(6), Dottin(7) e Dechelette(8). Antr'elas as más reveladoras son: a estatua chamada o «Galo ferido» do Museu do Capitolio (Roma) y-o grupo chamado «Arria e Paetus», da villa Ludovisi, boxe do Museu das Termas de Roma, procedentes as duas, d'un moemento do rei Atalo I na acrópolis de Pérgamo, que perpetuaba a lembranza da sua vitoria sobre os Galatas; un bronce do Museu de Berlin, que trai Dechelette, y-o sarcófago da viña Ammendola (Roma). Nelas vese o tipo Celta de fronte baixa, nariz curto, papo marcado, queixada forte e grande, más ancha qu'o pescoco, braquicéfalo, de membros fortes. Tefien os pómulos moi saíntes, sobre todo a estatua de Berlin, y-as meixelas fundidas. A estatua de Berlin leva un *torques* ó pescoco, y-o «Galo ferido», leva *torques* e bigote solo, coa barba afeitada (9).

(1) *Ibid.*, paxs. 450 e segs.

(2) *Ibid.*, pax. 2.

(3) *Ibid.*, paxs. 141-142.

(4) Dottin, *Manuel*, pax. 143.

(5) *Les Gaulois dans l'art antique et le sarcophage de la viña Ammendola*, *Revue Archéologique*, 1888 e 1889.

(6) *Die Darstellungen der Gallier in der Hellenistischen Kunst*, Viena, 1908.

(7) *Manuel*, pax. 1.

(8) *Manuel d'Arch. Préhist. Celte et galloromaine*, t. IV, pax. 1560 e segs.

(9) Vid. Dechelette, los cit. e Dottin, *Manuel*, pax. 44.

Na lingua, hai que distinguir as línguas célticas antigas y-as línguas neo-célticas da Edá Media e tempos modernos. As antigas perdéreronse, sen deixar literatura. Os únicos documentos qu'hai d'elas son: 1.º As verbas célticas conservadas polos autores gregos e romanos(1). —2.º As inscripcións galas en alfabeto etrusco, grego e latino(2). —3.º As listas de nomes célticos de lugares e de persoas(3). O céltigo continental antigo desapareceu. As línguas neo-célticas dividinse en dous grupos: o *gáldico* que se fala en Irlanda y-Escocia (*ílandés* y-*erce*) y-o *bretón* conservado no país de Gales e importado no século VI da nosa Era na Bretaña armorcana (*galés* e *bretón* ou *armoricano*) (4). Son línguas recoñecidamente indoeuropeias, caracterizadas pol-a caída do *p* e pol-as modificacións que pode ter na frase a consoante inicial das verbas variables(5).

Orixes

De que parte vinieron os Celtas? Pasou o tempo en que se creía n-orixe asiática dos indoeuropeus. A hipótese de Pictet, no seu *Origines indoeuropéennes*, qu'os fagüía vir da Asia Central, da meseta do Pamir ou do Turán, ou d'on d'o Hindukush, está reutificada por completo. Viuse qu'hai más pobos aryas na Europa qu'en Asia, y-agás d'esto, as condicións especiais de clima que compren pr'a formación d'unha raza loira, efecto do linfatismo, din os antropólogos que se non dan nas estepas trascaspianas. Tiña que ser nun médeo húmedo, escuro, con brétema case constante. Por esto, por razões xeoloxicas y-estóricas, supónse hoxe que os indoeuropeus proceden das bandas do mar Báltico, d'unha terra hoxe solagada pol-as augas, a rexión chamada de Latham, en lembranza d'iste gran investigador dos orixes aryas(6). Os celtas son pol-o tanto de orixe europea.

Dottin di qu'a opinión comun d'antigos e modernos pon na Galia o primitivo establecemento dos Celtas, mais que contr'esto dícese qu'os nomes xeográficos da Galia, especialmente os pertencentes á orografía e hidrografía, son poucos os que se poden interpretar pol-o céltigo, proba de que non foron iles os pri-

(1) Dottin, *Manuel*, paxs. 54-75.

(2) Atópase en John Rhys, *The celtic inscriptions of France and Italy*; volumes XII y XIII do *Corpus Inscriptionum Latinarum* y-outros.

(3) Recollidos por M. Holder, *Alt-celtischer Sprachstamm*.

(4) Dechelette, *Manuel d'Arch. Préhist. celt. et gallorom.* t. III, pax. 54, nota, Dottin, *Manuel*, pax. 56; Tettamancy, *Boscentil*, A Crufa, 1914, pax. 22.

(5) Dottin, *Manuel*, pax. 2.

(6) Vid. Vacher de Lapouge, *L'Argos. Son rôle social*, Paris, 1890.

mitivos habitadores. En troques, son moitos na Europa Central. Julian fai notar que os autores dos séculos VI ó IV enantes de Xesucristo parés que poñen ós Celtas na veira do mar do Norte. Timagenes recoll' unha tradición druídica qu' indica que houbo tribus célticas que viñeron d'ultra-Rhin, e qu' o seu país estaba solagado pol-o Océano. (Aludindo ó afundimento da Terra de Latham?)⁽¹⁾. Dechelette, d'acordo con d'Arbois de Jubainville, pon a Céltiga primitiva na Europa Central, na Alemania ouidental (países do Rhin, Main e otoño Danubio)⁽²⁾.

Emigracións e conquistas dos Celtas

Dende a súa terra primeira, os Celtas espalláronse na primeira e segunda Edá do Ferro por outras moitas terras. A principios do século III enantes de Xesucristo, ocupaban as Illas Británicas, a Península Ibérica, Galia, Norte d'Italia, rexións do Rhin y-o Danubio deic' o Mar Negro, Tracia y-unha parte da Asia Menor. A arqueoloxía pode hoxe demostrarre qu'estas emigracións célticas, concorrendo co desenvolvemento das transaccións comerciais, espallaron por todalas rexións europeas domeniadas polos Celtas, unha cultura homoxénea: a civilización chamada de la Tène, nascida no século V nos países rhenanos, ou sexa no centro do primitivo país dos pobos célticos⁽³⁾.

A primeira invasión céltica debiu ser nas Illas Británicas, según d'Arbois de Jubainville⁽⁴⁾ polo ano 830 enantes da nosa Era. A data non se pode fixar máis que si a verba *cassiteros* que significa *estáño* na *Iliada* é verba céltica⁽⁵⁾. A diferenza entr'as línguas da rama gaélica y-as da rama bretona, fan supóñer duas invasións célticas nas Illas Británicas con algúns séculos de distancia: os *Goidels* terían ocupado toda a Gran Bretaña e Irlanda cecais enantes do século IX, e polo ano 200, os *Galo-Bretons*, d'origen belga sustituirían os Goidels en todo o país, quitando o Norte da Gran Bretaña e mais a Irlanda. Mrs. Read e Smith⁽⁶⁾, resúmen así as invasións célticas no seu país: Pol-o ano 1000 en. X. C.: Invasión arya (Goidels?) que ven do Este e trai a cremación.—400-300 en. X. C. Brythons, qu' asentan no condado de York e S. da illa, vindo do N. E. da Francia.—Pol-o ano 200 en.

(1) Dottin, Manuel, pax. 453-457.

(2) Dechelette, Manuel d'Arch p. celt. et gallo-rom., t. III, pax. 571, nota, e. d'Arbois: *Les Celtes depuis les temps les plus reculés*, pax. 6.

(3) Dechelette, Manuel d'Arch p. celtique et gallo-rom., t. III, pax. 572-573.

(4) *Les premiers habitants de l'Europe*, 2º ed., t. II pax. 282-288.

(5) Dottin, Manuel, pax. 457.

(6) *Guide British Museum. Iron age*, pax. 83.

X. C. Belgas (misturados con xermanos) traquendo de nóvo a cremación⁽¹⁾.

Dottin⁽²⁾ di qu'a conquista do Norte y-Este da Galia polos Celtas, deben ser antr'os anos 700 e 500, xa que no século VII somentes se fala eli de Ligures, e que por outra parte, a sumisión da Galia tivo que vir antes qu'a conquista da Hispania, que, atendendo ós testos d'Avieno y-Herodoto, posse no século V. E a mesma opinión de d'Arbois de Jubainville. Dechelette di que non se pode determinar cando podeu ser, mais qui é anterior á época de Hallstatt. Tocantes á Hispania, xa veremos como Siret e Schulten entenden d'outro xeito os testos referidos.

Nos comenzaos do século IV, os Celtas invadiron o Norte d'Italia, loitando c'os Etruscos, ou Tirrenos, e conquerindo o gran chao do río Pô, ond'asentaron, y-aquí pais foi chamado Galia Cisalpina. No ano 390 apoderáronse de Roma, saqueárona, e fixeron pagar resgate ós cidadáns refuxiados no Capitolio. Isteas Celtas, segundo Dechelette⁽³⁾ non viñan do Sur da Galia, senón do val do Danubio, pol-o camiño do *Noricum*, y-entraron na Italia polos Alpes Orientales.

Efectivamente, as conquistas dos Celtas na Galia Liguria meridional, tivo que ser arredor do ano 300, pois o Pseudo-Scylax, a medio do século IV enantes de Xesucristo non siñala, antr'os Pirineos y o Ródano, mais que Ligures e Iberos⁽⁴⁾.

Por iste tempo, os Celtas invadiron a Vindecia, e botaron ós Ilirios fóra do *Noricum* e mais da Pannonia⁽⁵⁾. Dendes d'eli espalláronse car' o Oriente, Danubio abajo, hasta chegaron á Dacia y-a veira do Dniester, ond'a vila de Carradunum foi o cabo derradeiro da sua expansión en Europa⁽⁶⁾.

No século III en. X. C. bandas d'ises Celtas orientais descenderon pola Península dos Balcanos, romperon pola Tracia y-a Macedonia adiante, invadiron a Grecia, y-en 279, roubaron o famoso templo de Delfos. Na Tracia ficaron domeniando parte do país. Xa enantes tiñanse metido nos asuntos d'aquelhas naciós: en 336 aliáronse con Alexandre Magno contra dos Triballes da Tracia⁽⁷⁾.

(1) Dechelette, ob cit, pax. 575.

(2) Dottin, Manuel, pax. 458.

(3) Manuel d'Arch p. celt. et gallo-rom., t. III, pax. 577, e t. IV, pax. 1093.

(4) Dechelette, Manuel d'Arch p. celt. et gallo-rom., t. III, pax. 577.

(5) Dottin, Manuel, pax. 459.

(6) Dechelette, loc cit.

(7) Ibid e Dottin, Manuel, pax. 459.

Pouco despois do saco de Delfos, unha das bandas pasou o Ponto Euxino e invadiron a Asia Menor, onde fundaron en Frixia e Capadocia o reino de Galacia, e loitaron cos reis de Pérgamo, Atalo I y-Eumenes(1).

Tito Livio di que, cando foi da primeira invasión céltiga na Italia, un exército celta rubiu ó Norte, car' á selva herciniana, debendos' atopar cos Xermanos. Dottin di que non se sabe s' os Celtas someteron os Xermanos, pro que, moitos séculos mais adiante, atopábanse no centro d' Europa pobos célticos, coma os Volcae Tectosagos, os *Gotinie Boii* de Bohemia (2).

O imperio céltico

Tal foi a expansión dos pobos célticos na Antigüidade, que colleu, como se vê, moita terra. Frente d'ela, base formando a potencia en algún tempo incontrastabel dos romanos.

Ora, non se sabe s' o imperio céltico chegou a ter nalgún tempo unha unidade políteca imitante á dos seus rivais do Sul. Tito Livio (V. 34) relata a leenda seguinte:

«No tempo de Tarquino o Vello (616-578 enantes X. C.), os Celtas ocupaban a terceira parte da Galia, e antr' eles eran os Biturigos os que domenaban, sendo o seu rei Ambigatus, rei dos Celtas todos. Ambigatus era poderoso pol-a sua virtude, e pol-a prosperidade do seu pobo. Mais eran tantos os homes que tiña, que ll'era difícil gobernar a tantos. Entón quixo dar saída a tanto abondo de xente, e pra elo puxo os seus sobrinos, fillos d' unha irmá, Belloveso e Sigoveso, ó frente de duas expedicións, qu' irían onde indicaran os deuses. A Sigoveso tocoulle a selva Herciniana, ya Belloveso, Italia. Belloveso levou consigo Bituriges, Arvernos, Senones, Eduos, Ambarros, Carnutes y-Aulerces. Atravesaron os Alpes, y-apoderáronse da Galia Cisalpina, onde fundaron a Mediolanum. Logo viñeron novas invasións de Cenomanos, Salluvios, Boios e Lingones, pobos célticos, que non pasaron o Apeño car' o Sul, mais os Senones, dítemos que chegaron, ises, si, e foron os qu' atacaron a Clusium y-a Roma...»

Esto que conta Tito Livio, leva a supoñer s' o rei Ambigatus chegou a xuntar baixo do seu mandado todolos países conquistados polos Celtas, ou si polo menos, formouse óredor d' il unha leenda com'a de Calromagno... O que conta Tito Livio supón duas invasións dos Celtas en Italia, unha no ano 600, outra no 390 (data esta derradeira ademetida por Dechelette pr' o saco de Roma). Mais coma Tito Livio di ó falar

do sitio de Clusium polos Celtas en 390, qu'era a primeira vez qu' os Bárbaros entraban en Italia e s' atopaban cos Romanos, contradicícese consigo mesmo, e mais os datos de Polybio, qu' están apoyados por testos de Plinio, Diodoro Sículo y-Apiano. D' eiquí que Salomón Reinach dea coma inverosímil, o que di Tito Livio sobre da expedición de Belloveso(1). Non coñecemos o traballo do insigne investigador francés (a quem temos, non embargante por un verdadeiro *hipocrítico*), mais, si tiveram as fontes de que se valeu Tito Livio (que Dottin e Reinach supoñen fosen tres libros perdidos de Cornelio Nepote y-outra obra de Timagenes) cecais non os parecerá tan inverosímil.

De todolos xeitos, esta tradición (cecais d' orixe druídica) supón a concencia de Raza n'os Celtas, y-unha sorte d'unidade moral antr' os pobos que formaban o inmenso imperio d' esa raza gloriosa.

Decadencia dos Celtas

O poder dos Celtas non foi duradeiro. Iles chegaron a domeniar toda a Europa Central y-Ocidental, a espantar á Italia, a Grecia y-a Asia. Maior potencia que se les puxo de frente era rexia y-estaba fortemente organizada. Os Celtas eran, coma despoixas foron os Xermanos, unha potencia guerreira; non eran unha potencia militar. O avance metódico das lexos romanas foi facendo recuar os Celtas, imponéndolles provincia por provincia a sua domenación.

Na Hespaña, os Celtoberos foron domenados polos Cartaxineses entre 238 e 219. En 201, despois da segunda guerra púnica, a domenación cartaxinesa, seguiu a Romana. Galicia, domenada pol-o Cónsul Décimo Junio Bruto, en 133, logo por César, foino d' un xeito definitivo despois das guerras cántabras, na xornada do Medulio(2).

Na Galia Cisalpina, os Senones foron sometidos en 288; logo tocoulle os Boios y-os Insubres, y-en 191 os romanos eran donos de toda ela.

A Galacia, domenada en 189 por Manlio Vulso, foi declarada provincia romana vintenmeio anos antes de Cristos. En 129 foi conquerida a Iliria.

Chamados polos gregos de Marsella, os romanos invadiron e conqueriron a Galia Narbonense no século II enantes de Xesucristo. Logo viñeron antr' os anos 58 e 50 as guerras das Galias, cos trunfos de Xullo Cesar, quen no ano 50 fixo rendir diante d'Alesia ó héroe galo Vercingetorix.

(1) Dechelette. *Ob. cit.* pax. 573 e Dottin, *Massel*, paxines 4 b. e segs. e 460.

(2) Víd. Murguía *História de Galicia*, t. II.

(1) Dechelette, loc. cit.

(2) Dottin, *Massel*, pax. 461.

getorix, xefe de todal-as tribus galas confederadas. Esí caíron a Galia Céltiga y-a Bélgica.

Os romanos conqueriron o Nòricum no ano 16; no 15, a Rhetia y-a Vindelicia; no 10, a Panonia.

César conquerira o Sur da Gran Bretaña no ano 55. Antr' os anos 78 e 85 despois de Cristo, na época do Emperador Domiciano, Agricola

Somentes Irlanda se salvou, gracias á sua

posición xeográfica, e cecais a terce esgotado as minas d' ouro que tifia na Edá do Bronze(1). concluiu a conquista, chegando ás montañas d' Escocia.

VICENTE RISCO

(1) Vid. Dechelette, *Museu d'Arch. p. celti et galloros.* t. III, cap. I parr. III e Dottin, *Museu*, pax. 461.

LETRES CATALANES

ANGEL GUIMERÀ, POETA

El prestigi poètic de l'Angel Guimerà s'havia apagat una mica amb el resplendor de la seva activitat teatral. Un sol volum de poemes, publicat a 1887, havia bastat perquè Josep Ixart afirmés, a l'acabament d'un pròleg fervorós, que l'Angel Guimerà mereixia sentar-se «a la taula rodona dels pocs poetes contemporanis». Però els públics coneixien millor les escenes tràgiques representades per tots els teatres de Catalunya que els versos emocionats i vibrants. Ara, amb l'aparició del «Segon llibre de poesies» del nostre gran romàntic, hem reconegut novament l'auriola immortal. El llibre de Guimerà ha sortit, endemés, en una època favorable. Entre tants poetes falsos, constructors de versos excel·lents, però mancats d'aquella llum eterna que inspirava a Joan Maragall l'oda inacabada, la veu del Guimerà ha devingut més sonora i ardent com una flama pura. Sobre tot, quan és la Patria la qui commou la seva sensibilitat poètica, quan és la Patria la llum eterna que il·lumina les seves paraules, l'Angel Guimerà s'aparta més que mai del «*rimaire femení i perfumat*»; canta per tot un poble, sense cerebralismes, sense conveniències deformadores, amb un impuls primitiu que no es torça per res. El vers devé aleshores en les seves mans un «instrument diví de guerra i d'amor», tal com de la poesia de Carducci afirmava aquell genial Diego Ruiz, teoritzador del poeta civil. Que «poeta civil» és l'Angel Guimerà, també; i la seva poesia és, a Catalunya, «aprofitada com element educador». El poble, les gents senzilles que viuen al marge de les abstraccions, han vist com el Poeta repetia, en belles paraules ordenades, els seus més intims sentiments. Quan l'Angel Guimerà cantava la

llibertat de Catalunya, i la reclamava absoluta,
sense lligams de ferro ni de flors

hi havia un gran chor multitudinari que consentia. Quan afirmava

més, per sobre del món, hi la nostra terra
la massa anònima, pura, sentimental, la que estima la Terra «material, que se vé, que s'ole, que s'apalpa...» feia, en lo més profund de la seva consciència col·lectiva, una entusiasta aprovació. El Poeta realitzava la seva funció social, desvetlladora.

Angel Guimerà té quelcom del Poeta Etnic que anhela Vicente Risco, del Poeta Civil que va definir Diego Ruiz, del Poeta amb maiúscula que ha predicat el Salvat-Papasseit. Ha acariciat l'alliberament de la Raça, s'ha emocionat per tot Catalunya, ha sigut «altiu, valent, heròic i sincer». Ha col·laborat en la contrucció del Mite nacionalista.

Guimerà ha estat reconegut com a Mestre, amb aquest seu «Segon llibre de poesies». La joventut literària catalana, allunyada d'ell pels anys, no ha pogut menys de reconeixer la fortitud lírica del Poeta. Tot i acceptant que els poemes de l'Angel Guimerà no s'adapten als corrents moderns de les literatures ni a la flexibilitat inexhaustible del nostre vivificat idioma, aclamem en ell al més gran precursor del gran Poeta que vindrà; aclamem en ell a l'home que ha sabut traduir en versos càl·lids les més nobles aspiracions d'un poble. Aquesta traducció ha estat tan ben feta que la tremolor emocionada de la gent ha reviscut en els llavis de què la cantava.

TOMÁS GARCÉS

CONTO SINXELO

Conocín ó máis forte boxeador do mundo, Samuel Kupper. Tinha vinte e dous anos, máis forte que fora Jeffries nos seus bons tempos e con máis xeito que Johnson. Ganara xa o campeonato mundial de pesos medeos e d'un día a outro iba a loitar co vello campeón de pesos grandes. Era fixa a sua victoria. O vello campeón xa recibira o consello de llo dar sin loita.

Samuel Kupper descansaba nunha granxa do Far West. Era seu amigo un crego que lia a Biblia ós labregos. Samuel Kupper ouviu ler unha serán soave e feiticeira do vroua: «Ofchedes que se dixo ollo por ollo e dente por dente. Mais eu, vos digo que non fagades resistencia a quien vos magoe; e si algúns te ferira na meixela dereita, ponlle tamén a outra... Ofchedes que foi dito: Amarás ó teu próximo e terásseas xenreira ó teu nemigo. Mais eu digovos: Queredes os vósos nemigos, facede bén ós que vos queren mal e rezade polos que vos corren e calumnian...» Mañáñio, o vento movía as herbas y as froles d'a pradeira.

Aquela noite, un vello y-unha mocinha petaron á porta de Samuel Kupper. Tinan fame e iban cansados e magoados de camiñar... Os óllos do vello eran de infinita tristura; n-os da mocinha loitaba a desesperación e unha rayola d'espranza... Samuel Kupper xa era rico, os seus fortes cotelos enfeixaran moitos billetes... O vello y-a mocinha comeron, e descansaron, e tiveron díñeiro.

Pol-a mañáñ Samuel Kupper recibiu un aviso de desafío. Un novo boxeador ruso, Alexis Karbin, quería loitar e xa estaba en San Fran-

cisco. Telegráficamente fixéronse y-acentáronse condicíos.

O día d'a loita, n-o ring, Samuel Kupper veu diante de si a un ardente rapaz de óllar duro e grande estatura. Kupper non tremeu. Era máis forte y ó pouco de loitar reconociu confiado a sua superioridade.

Alexis Karbin loitaba con todo o seu fogo, brincando e batendo sin parar. Canso xa, chegou o instante en que os puños de aceiro de Samuel Kupper iban a mollar a eito n-as meixelas e n-o peito do rapaz ruso. Encollido, esperaba o golpe... y-estonces Samuel Kupper veu n-aqueles óllos o óllar de tristura do vello que petara na sua porta y-a loita de desesperación e d'espranza d'a mocinha, e lembrouse da sua granxa, as pradeiras, o crego seu amigo, o libro santo, o vento mañáñio... E baixou os brazos...

Como un lostrego ergueuse Alexis Karbin e bateu un soillo e seguro golpe n-o peito de Samuel Kupper. Caiu no chan... Contáronse os segundos... Estaba knock-out... A xente levouse n-o aire ó ruso trunfadore...

Samuel Kupper soillo, magoado n-a y-alma, foise pr'a immensidáde d'os campos do seu Far-West...

Topou ó vello y-a mocinha. Ampara a ún, e dalle amor á outra.

Inda hoxe non se decata de si foi forte ou déble, de si é un derrotado ou un vencedor.

ANTÓN LOSADA DIÉGUEZ

LETRAS IRLANDESAS

W. B. YEATS

Isolada a Irlanda no extremo Oueste, domiñada y-oprimida cruelmente pola Inglaterra, aldraxadólos seus fillos ós qu' os ingleses alcuman de salvaxes, «cild irish», mal pode faguer ouvir a voz dos seus poetas no mundo literario europeu. Un irlandés—que pode qu' os seus compatriotas non teñan por seu, e con razón—fixose escoltar en Londres e logo no mundo inteiro y-adquiriu celebridade universal: foi Oscar Wilde.

W. B. Yeats é agora cando principia a ser coñecido do público francés, gracias a mademoiselle Lichnerowicz, quen, no número de San Martiño pasado de *La Douce France* pubrica e traduz algúns dos seus poemas. Da nota que lle dedica Emmanuel de Thubert no mesmo boletín, sacamol-o seguinte;

«W. B. Yeats naceu en Sandymount, perto de Dublin, en 1865. Os seus poemas apareceron en duas coleccións: *O Vento antr' as Cuñas* e *Os*

Cisnes Salvaxes en Coole (1918). Debemoslle tamén esceas de fadas: *A Terra do Deseo do Corazón*. Enfin, publicou un volume de folk-lore: *O Solpór Céltigo* 1895 e 1902, folk-lore vivo, collido do bico do mesmo pobo. Eu agardo dar logo algúns d'ises contos: *Nosa Señora dos Outeiros*, *Un corazón sofrido* ou polo menos certas meditacións: *Queixas das Escoceses por ter aguado o cardutero das suas fadas*, Á veira do camiño, ond'e poeta louba a arte popular á que chama «a más vella das aristocracias do pensamento».

«A Esperanza y-a Lembranza teñen unha filla» —di Yeats—y-o seu nome é Arte. No espírito do poeta, arte é o poder d'evocación que nos fai sensibles a outros mundos. O mesmo trouxo ante nós a nazón das fadas, y-a sua inspiración non toma senón de fontes irlandesas. Non embargante, os seus poemas están compostos en lingua inglesa, máis n'unha métrica tan fleisibel y-un tal acento musical, qu'algúns dos seus críticos poderon comparalo con Verlaine. Pode ser que sexa o meirande poeta de lingua inglesa na hora actual—di Maurice Bargeois. Yeats é un poeta europeo—di polo seu lado Mlle. Lichnerowicz—. Por fil, o Celismo entrou na gran literatura.*

«A Esperanza y-a Lembranza teñen unha filla, y-o seu nome é Arte». A coincidencia de Yeats aquí coas ideias de Teixeira de Pascoaes é verdadeiramente sorprendente, y-é unha boa proba da unidade da y-alma céltiga qu'esperta hoxe aquí y-acolá pr'alumear ó mundo co'a verdadeira Luz do Espírito, Luz de Sandade.

A poesía de Yeats é sotil e fonda, chea da vagedade céltiga; é coma se dixéramos un lirismo xordo e bretemoso, do que a beleza non salta ó pirmeiro ollar, com'as fanfarrias sonoras d'un Carducci ou d'un Ruben Darío. É cousa interna que fala baixíño e doce, de cousas familiares. Lembra o *tono gris* da elegia a John Moore da nostra Rosalía; lembra algunhas cousas de Rodembach, y-outras de Francis Jammes. Tal impresión nos deron os poemas que conocemos. Anque non-os gustan as traducións, damos elquí unha.

TO AN ISLE IN THE WATER

*Medrosa, medrosa
do meu curazonhe
no cravor do lume
pensativamente, móvese no louxe*

*Ela trai os platos
E dézcaos na mesa...
A unha illa na y-auga
Quixerá ir co-ela.*

*Ela trai as luces
y-o sobrado aluma
medrosa na porta,
medrosa, ás escuras.*

*Medrosa cal lebre
medrosa é sinxela
A unha illa na y-auga
Quixerá ir co-ela.*

W. B. YEATS

ARCHIVO FIOLÓXICO E ETNOGRÁFICO DE GALIZIA

Reportorio de refrás pra todolos meses do ano

(RECOLLIDOS POR ANTÓN NORIEGA VARELA E COMPRETADOS C' OS PUBLICADOS POLO SEÑOR MACHADO Y-ALVAREZ NO TOMO IV DA «BIBLIOTECA DE LAS TRADICIONES POPULARES ESPAÑOLAS», QUEN OS TOMOU DA «GRAMÁTICA GALLEGA» DE SACO Y-ARCE)

Xaneiro

Xaneiro berceiro, nin boa meda, nin bon palleiro.

En Xaneiro, sete lobos no carreiro.

Xaneiro, afieiro.

Xaneiro, xiadeiro.

En Xaneiro mete o obreiro, antes na sebe que na parede.

En Xaneiro nin galgo leboreiro, nin falcón perdigueiro.

En Xaneiro vaite a outeiro: si ves verdegar pont'a chorar; si ves terrexar pont'a cantar.

Picoreiro súbete ó picouto, e si no mes de Xaneiro veres verdegar, bótate a chorar, e si os ves queimadas, ponte a bailar.

Por San Antón a galiña pón.

Febreiro

Febreiro, cabriteiro.

Febreiro, cebadeiro.

Auga de Febreiro fai o palleiro.
 Febreiro camiseiro, nin boa meda, nin bon palleiro.
 Come mais pan un dia de sol d'o mes de Febreiro, que os cabalos de tod' o reino.
 Febreirifio corto,
 e' os seus vinteito,
 si tivera mais catro
 non quedara can nin gato,
 nin ratifio no burato,
 nin cornifas ó carneiro,
 nin as orellas ó pregoeiro.
 O dous de Febreiro súbete ó outeiro, si ves negrexar, pont'a cantar, si ves branquejar, botate a chorar.
 Por San Brais, duas horas mais.
 San Brais da barca, que afoga e non mata.
 San Matias anda co antroido ás porfias.
 Cando a Candelaria chora metá do inverno vai fora.
 Martes d' antroido, cando has de vir, casquifas d' ovos, casi habeis de ruxir.

Marzo

Marzo iguarzo, antes a tres que non a catro.
 Marzo, marzola, trebón e rayola.
 Marzo, espigarzo.
 En Marzo, espigas catro.
 Entre Marzo y-Abril, o cuco, ou a fin.
 Marzo ventoso, y-Abril chuvioso, sacan a Mayo frío e fermoso.
 Entre Marzo y-Abril, sal o cuco do cubil que co' a neve non quer vir.
 Marzo marzáan, pol-a mañán cara de rosas, pol-a noite cara de can.
 N-o Marzo abrigó noces e pan trigo.
 Sol de Marzo quelma nas donas no pazo.

Abril

Val mais un turbón d' Abril, que os bois, y-o carro, e quen vai n'il.
 En Abril, espigas mil.
 O frío d' Abril, mat' ó porco no cubil.
 Abril, pendoril; Mayo, engrayo; San Joan, segayo.
 Abril, si por mal quér vir, nin as portas deix' abrir.
 Auga d' Abril, ench' o carro, y-o carril.
 En Abril, augas mil.
 En Abril, déixame dormir.
 As madrugadas d' Abril, son propias para dormir.
 Chova pra min Abril e Mayo, e pra tí tod' o ano.
 En Abril, déixame durmir.
 Entre Marzo y-Abril, si non ven o cuco, quer vil-a fin.

Solla d' Abril abre as maos e déixa ir.
 Cando Abril recacha, queima a vella a maza.
 O millo por San Marcos, nin o saco nin nado.

(1) Apud latinos, dicitur: *Pluviosus apribis*.
 (2) Apud latinos: *Motutius apribis hora sapore dulcis*.
 (3) Apud latinos: *Miki apribis et maius, cisteri mensis tibi pluunt*.

Mayo

Garda pan pra Mayo, e leña pr' Abril, que ch'ha de cumprir.
 En Mayo, todo espigado.
 En Mayo, de meu cayo.
 En Mayo, ind'a vella queima o tallo.
 Que bon mayo, que mal mayo, quince dial-os bois ó prado, e mais val no principio que no cabo.
 Mayo, pardo; San Joan, claro.
 Auga en Mayo, pan tod' o ano.
 En Mayo inda bebe o boi no prado.
 O rocin no Mayo vólvese cabalo.
 O que en Mayo se molla, en Mayo s'enzuga.
 Quen en Mayo non merenda, os mortos se encomenda.

San Joan

Por San Joan, tanto queixo coma pan.
 O dia de San Joan, créball' a primeira raiz ó pan; o dia de San Pedro, créball' a d' o medio; y-o dia d' a Santa Isabel, founfias él!
 Entre San Juan e San Pedro, ven o pan ó vencello.
 En San Joan, x' a sardinha moll' o pan.
 Auga de San Joan, tolle viño e non dá pan.

Agosto

Agosto, frío no rostro.
 En Agosto, está a y-auga tras d' o toxo.
 Agosto e vendima non é cade dia, e si cada ano; us con ganancia, y-autros con dano.
 Si o mes d' Agosto ven claro, bon magosto e bon nabo; si nubrado, poucas castañas e nabos furados.
 Si en Agosto e Setembre non das cebada, en tod' o ano non poñas albarda.
 En Agosto as castañas arder y-en Setembre beber.
 En Agosto secan os montes, y-en Setembre as fontes.
 O rocin d' Agosto da pol-o rostro.

(1) Apud latinos: *Messis et vindictis, semel in annis venientibus, nonnequecumq[ue] spem fallit.*

Setembre

En Setembre, come e vende; pero non seña tanto o comer, que non deixes que vender.

San Migueliño das uvas maduras, tarde vés
e pouco duras.

San Mateu, vindima tu, vindimarei eu.

Outono

San Simón (9 de oct.) apreta o baldón.

San Martiño, ou Santos

Hastr' o San Martiño, inda pinga o rama-
lliño; despois d' o San Martiño, fame e frío.

De Santos a Nadal, o inverno caroal.

Despois de San Martiño, deixa a auga e bebe
o viño.

Día de San Martiño (11 de Noviembre) proba
o teu viño.

Por San Andrés, toma o porco pol-o pe.

Por Santa Ercia toma os bois e semea; por
San Martiño nin fabas nin lino.

Natal, ou Nadal

Menos de sete natales, n-alabes nin des-
alabes.

Día de San Nicolao, está a neve de pao en
pao, e sinon no chao.

Si non chega pra Santa Lucía, chega pra
outro dia.

Anaco d' unha cántiga dos Santos Reis

(CANTADA ISTES ANOS EN SAN CIPRIÁN DE VIÑAS
COMUNICADA POR A. Nogueira Fabello,
MESTRE NACIONAL)

En Belén hay moitas festas
e tocan pitos e flautas,
vamos nós alá tamén
a lucir as nosas gaitas.

Fálame moi baixo,
pétame ponquiño
pra que non desperte
o noso ninfiño...

Tefio unha poliña, tefio
e doce pitos tamén,
pra lle regalar á Virxen
qu' está parida en Belén,

Fálame moi baixo, etc.

Y-o minifio está nas pallas
y-a Virxen está ond' él,
San Xosé tamén estaba
pasmadío de car' él.

Fálame moi baixo, etc.

Os fillos, fillos dos ricos
nas suas camas douradas,
y-este noso pequenifio
deitadiño n-unhas pallas.

Fálame moi baixo, etc.

OS HOMES, OS FEITOS, AS VERBAS

ALMA, sonetos de
ANTONIO PEREIRA CARDOSO
(CATÁO VAZ, Porto, 1920).

Dende Camoës e Flinto Elysio, os portugue-
ses non paran a facer sonetos, e crar' está, che-
garon a adequeríren unha man de mestres pr' ó
conto. Antonio Pereira Cardoso fai belos sonetos
nos qu' un misticismo panteísta, moi da Raza,
cheo de vagas intuicións d' unha metempsícoses,
que non é metempsícoses, comenza a s' espre-
guizar d' un longo sono contíano ou spenceriano
no que moitas almas portuguesas estiveron
afundidas... A clave d' elo cécalis está n-istes
dous versos:

*Mas dessa lucta d' ansia e de incertesa,
Nasce a visión anférica de Deus!*

(Ego sum qui sum!...)

intresante documento psicolóxico d' un espírito
do noso tempo. O neoespiritualismo moderno—

que tivo e tén en toda Europa, hastra manifestacions patolóxicas—manifestase con certo medo en Portugal. Gracias qu' está no fondo da y-alma da Raza (saudade) mais se non quer enfrentar francamente co científicismo... O mundo dá moitas voltas, non hai ciclo que se non cerre e todolos camiños pasan ó cabo por un punto ond' a y-Alma nos está agardando, de xeito que nin sendo positivista se pode un librar de non atopala un día.—V. R.

DA IMPUTABILIDADE CRIMINAL
por ORLANDO MARÇAL
(Lisboa, 1920).

N-iste libro pequeno e sustancioso, libro erudi-
do e de tesis, o notabel xurista e deputado
portugués Sr. Orlando Marçal libra unha batalla contr' o libre arbitrio... Xa temos indicado
n-estas páxinas a grande influencia que tivo
o positivismo no moderno pensamento portu-
gués.

Apontemos algunas das conclusións espa-

lladas n-as suas páginas: «... o homem é, simplesmente, o grau mais elevado da evolução dos organismos animais e as sociedades humanas un produto natural, a evolução última das sociedades animais (páx. 37).»

«O home é o produto do ambiente. Nele se forma, nele gravita, nele aje, em conformidade com o que nele ve e sente. E, por tanto, um irresponsável, porque não é livre (páx. 28).»

«... O crime..., é todo ato humano lesivo, que vai encontro as normas que a sociedade adotou para sua defensa (páx. 82).»

«O acto condenável..., desponta, vive e manifesta-se, com toda a evidencia, até real consecução, como resultado certo das forças heterogêneas num ambiente apropriado, que impelem e poem em movimento a achacosa constituição psíquica do delinquente e que originam aquela particular forma anti-social que o caracteriza (páx. 91).»

«... O vicio social é a cratera do crime, a atmosfera onde este depara as condições mais elementares da sua vitalidade e reprodução (páx. 89).»

«... O criminoso é uma anormalidade originária do meio social (páx. 112).»

«... Delinquencia é sinónimo de doença (página 69).»

«... Os crimes desminuen a medida que a educação e a instrução se alastram poderosas e, portanto, por meio desta profilaxia inteligente e necessaria, desapareceriam, como as graves epidemias do pasado (páx. 112).»

N-a páxina 46 fala do «predominio avilante da força sobre o direito natural»; e n-a 147 califica os tribunais de «jure» de «o mais espantoso absurdo». — A. N.

ÉTUDES SUR

EUGÉNE MONTFORT

par LE CARDONNEL ET PIERRE LIÉVRE,
Paris, Bibliothèque des Marges, 1920.

Temos recibido un quaderno publicado na biblioteca de *Les Marges*, con dous estudos, un de C. Le Cardonnel y-outro de P. Liévre sobre da persoalidade do ilustre director d'aquela publicación Eugène Montfort.

A persoalidade de M. Montfort é ben sinificada na moderna literatura francesa. O solo nome d'il representa unha volta á tradición francesa clásica, un movemento contra do estranxeirismo da época simbolista, o espertar d'un longo sono que os editores protexian, e qu'ameazaba fundir pra sempre n-un metal brillante o bo nome da literatura francesa. Dino da maior loura é o esforzo de Montfort e demais compañeiros do movemento.

A veira de Maurice Leblond, Saint Georges de Bouhélier y-outros, traballou Montfort no «Colexio d'Estética» e fundou o *Naturismo* (ou sexa a volta á sinxeleza tradicional) seguindos, entr'algúns mais: Charles Louis Philippe, Louis Lumet e Paul Adam.

O estudio de Le Cardonnel está dedicado a fagueros unha critica moi atinada das novelas que ten publicado M. Montfort, e pón de manifesto o seu romantismo nas primeiras obras y-o da sua última época, que fai decir a Le Cardonnel: «... que si leurs sentiments sont romantiques, les drames qui en naissent ne sont pas

racontés romantiquement.» E logo di: «Le principal intérêt de ces romans est dans leur psychologie intimement liée à l'action.» Porque M. Montfort viaxa e desenvolve os seus dramas nos sitios ond'estivo, sen nos faguer descripcións pesadas da paisaxe, que leva a libros aparte, xuntando esí o viaxeiro crítico ó novelista sobrio.

O estudio de P. Liévre abarca mais a persoalidade de Montfort, pro non é tan interesante comó de Le Cardonnel. Dí menos, pro é tamén dino de leitura.—L. G. S.

LETRAS E ARTES GALEGAS

Unha lembranza saudosa á memoria d'Eduardo Neira Márquez, curazón xeneroso e bó amigo, inxenio que principiaba a s'amostrar nas nosas letras c'un xeito persoal e moi novo, cando se foi pra sempre d'antre nós.

Eduardo Neira, que foi dos nósos cando *La Centuria*, serío tamén agora. En NOS houbérase espallado o seu inxenio, enxebremento galego, xiquerá il tivera escrito as suas primeiras cousas en castelán, e nas nosas páginas houbera madurado en froitos definitivos.

Co escritor e co amigo, sexa a nosa lembranza saudosa.

* * *

Noso compañoiro o pintor Farruco Lamas foixe a Madrid. Vai estudalos vellos mestres do Museu do Prado y-a faguer coñecemento c'os qu'agora traballan por alá.

Os seus amigos e compañoiros de NOS e da «Mocedá galeguista d'Ourense» despedirono c'unha comida interna no Hotel Miño, onde todo foi a sinxela cordialidade dos que comparten o sagrado ideal do renacemento da grandeza creadora de Galicia.

Lamas voltará logo a estar conósceno e ceais moi pronto ha de dar a coñecer na nosa Terra as suas obras, das que hemos ofrecio as primicias ós leitores de NOS.

* * *

Tamén Castelao marchou pra Madrid, de paso pra Europa. NÓS recibirá de cote novas suás. Vai cheo d'ansias d'estudo e de traballo. Voltará ainda máis acceso no amore á sua Terra, y-armado de novas armas pra lle dar eterna gloria. E non s'ha sentir por aló moi lonxe d'ela.

HERMES, revista del País Vasco
Bilbao, Noviembre, 1920.

Coñeciamos esta revista qu'oxe está moi aumentada, amostrando a un tempo a potencialidade mental, y-a potencialidade económica, mais tamén o antusiasmo nacionalista d'aquel gran pobo. D'iste número debemos mencionar un artigo d'Eros Pound, do qu'algún dia temos mentes de sacarlle punta, y-a moita e boa información artística e musical que ven no artigo *Notas musicales desde Londres* de Marcos Jesús Beltrán, no titulado *Alrededor de una Exposición* por A. de la Sota e nas notas de Crisanto de Lasterra. Trai reproducións de cadros de Gustavo de Maeztu e de Echevarría.

LA DOUCE FRANCE,
Octobre, 1920.

Trai: un anaco de *Le Poème de la Victoire*, un poema cívico-internacional d'Emmanuel de Thubert.—*Le Problème de l'Élite* por Gabriel Brunet. O autor estuda o pensamento de Renan sobre o papel social das élites intelectuais: o seu ideal d'unha sociedade gobernada pola élite, un eco modernizado da República de Platón... Xa Plotino quixera faguer un ensaio d'ela e pediralle unha vila ó emperador Calígula, pra realizarlo; *Yonopolis*, seica na Italia do Sur. Porque non faguel-a esperencia no noso tempo?... M. Brunet non acolle o punto de vista aristocrática de Renan, mais pensa qu'a élite téñ unha misión d'orde espiritual: encarnal-o ideal d'unha época. Il láyase con Renan de que hoxe temos enrequetado o tesouro das adquisicións científicas y-elaborado as más fondas teorías sobre o home e do universo, mais elo non se pode aroxeitar pr' o melloramento social, porque a Revolución destruiu o poder da élite, entronizando tres aristocracias: a do diñeiro, a dos funcionarios y-emprendedores do Goberno, e máis a dos políicos d'oficio, as que desentendense por compreto dos intereses espirituais da humanidade e viven entregadas, e deixan á masa entregada ó xogo das paixões e dos intereses da materia... Como remedio, M. Brunet propón preparar millor á élite, e inculcar na masa o respeito ós grandes homes... Cand'escomenzamos a leer iste traballo, agardábamos do seu autor algo máis radical e máis valente. Concluye c' unha timideza que deixa a un na neve.— Un traballo de M. Thubert orredor da estatuaria clásica.—Máis adiante o mesmo autor dá conta dos estudos de M. Robert de la Sizeranne sobre da *Arte alemana contemporánea*. Querendo faguer arte xermánica, os pintores alemás (Frantz Stuck, Max Klinger) atoparon un mestre en Boecklin, tan namorado do antigo. Buscaron o efectismo do colosal na pintura, na escultura, na construcción comemorativa (monumento de Barbarroja e de Guillermo I por Geiger, estatua d'Arminius en Teutoburg). Nos pintores influiron os prerrafaelistas ingleses, os primitivos, os impresionistas franceses, Brangwyn, Segantini etcétera. No decorativo houbo o movemento de Darmstadt, en 1901, rechazando todal-as tradicións (Christiansen, Olbrich, Habich, Huber etcétera), os artistas da *Künstler-Kolonie* y-o de Weimar, dirixido polo belga Van der Velde, que misturaba todos os estilos. Na escenografía ó realismo do tempo de Wagner, sustituyeron o simbolismo. M. de la Sizeranne di que non hai en todo eso nada d'alemán. Recofece un gran progreso na arquitectura, e louba a obra macabra dos pintores (Alfred Rethel, *La Mort*; Klinger, augasfortes tituladas; *De la Mort*, Saltier, etcétera).

LA DOUCE FRANCE,
Novembre, 1920.

A disputa entre clásicos e románticos é na Francia d'unha eterna actualidá, mais hoxe como nunca, enchi as páxinas dos boletins. Caro que se s'afonda n'ela, resulta que n'ela está todo... Mr. François Bidet trátala en medeo-eclético no seu artigo *A propos de Minerve et d'autres*

NÓS

dienç, anque ven a se confesar romántico. Pol-o visto iste artigo foi escrito por causa d'unha disputa iniciada por M. Julien Benda, autor d'un libro ausurdo titulado *Sur le succès du bergsonisme*, y-a quen seica dan en París certa importancia.—Unha boa gravura en pau de Saintpaul.—Unha evocación d'Edmond Pilon sobre do xardíñei Le Nostre.—Poemas de W. B. Yeats, o gran poeta irlandés, do que traducimos un aparte, e damos a nota de M. de Thubert.—Nota sobre do Salón d'Outono.

REFLECTOR, Madrid,
nºm. 1, Dbre. 1920.

Boletín internacional d'*avant-garde*, onde colaboran moitos coñecidos nósos: Salvat-Passe, Montes & Segredario de Redacción. Guillermo de Torre, qu'acaba de publicar un manifesto *verticalista* (moito verticalismo compre, o mesmo en Madrid, ond'hai tantos sabinos a catro patas, com'eiros na nosa Terra, ond'ademas hal poetas e pensadores y-hasta loitadores en *decubito-supino*). «REFLECTOR» trai cousas de Barradas, de Norah Borges, Gómez de La Serna, Salazar etc., photos d'esculturas cubistas de Lipchitz, d'unha *complicada sinuosidade*, e de dibuxos de Picasso. Trai un poema d'Isaac del Vando Villar, dedicado ó máis calado, máis fondo e máis polivalente dos inxenios ourensans: Carlos Fernández-Cid. Da influencia oculta de Carlos Fernández-Cid no desenrollo do movemento literario d'*avant-garde* en España, pode qu'endexamals queden datos que podan ser recollidos pola estoria. Il fúrtase á publicidade e máis ás papeletas dos eruditos. Pro hai algúns que sabemos ben o que hai do conto. «REFLECTOR» está ben. Hai que miralo e leelo.

LA PLUMA,
Madrid, Diciembre, 1920.

Esta revista que publican Manuel Azaña e Cipriano Rivas Cherif recolle nas suas páxinas as derradeiras producções dalgúns mestres da época modernista: Rubén Darío, Valle-Inclán, Juan Ramón Jiménez, Unamuno, Antonio Machado, y-as máis novas d'escriptores que non son decididamente d'*avant-garde*. Ten un tono d'ambigüedad que lle dá intrés, podendo decirse d'ela n-outro senso, con Max Jacob que *non está situada*.

O número que relatamos trai: Rubén Darío, *Versos inéditos*.—J. R. Jiménez, *Edad dorada*.—J. Moreno Villa, *Cargos*.—I. y A. Millares, *El viejo*.—L. G. Bilbao, *Melodias líricas*.—Ad. Salazar, *Apuntes para una geografía musical de Europa III Italia*.—F. Vighi, *Calendario*.—C. Rivas Cherif, *La costumbre*.—X.: *Im promptu*.—Un crítico incipiente, *Teatros; Libros y revistas* por Rivas Cherif y Salazar.—Gaceta.

TEMOS RECIBIDO:

Vida Gallega.—*Acción Gallega*, órgao da «Casa de Galicia» de Buenos Aires.—*La Zarpa* (Madrid).—*La Cotorra*, semanario satírico de Granada.—*La Ráfaga*, semanario satírico de Vigo.

NOS

AGUAS MINERO-MEDICINALES
BICARBONATADO-SÓDICAS

MONDARIZ



NÓS

FRÁBICA MECÁNICA DE CALZADO

DE

ANXEL SENRA

RÚA XUAN FLÓREZ

Depósito: Cantón Grande, 15 - A CRUNA

GRAN CAFÉ "LA UNIÓN,,

O MILLOR SITUADO E DE MAIS CONFORT

BILLARES - VARIETÉS - SEXTETO

Nóvos propietarios: MANUEL VAZQUEZ :-: EULOGIO ALBERTE

PEREIRA, 13

TELÉFONO NÚM. 61

"GRAN HOTEL ROMA,,

MONTADO CON TODO CONFORT E HIXENE MODERNOS :-: COCINA VARIADA E SANA

PENSIÓN COMPRETA DE 10 A 50 PESETAS

SITUADA NO MAIS CÉNTRICO DA CAPITAL

Progreso, 71

OURENSE

Teléfono, 73

SANATORIO QUIRURXICO D' OURENSE

DIRIXIDO POR

D. Manuel Pol Piñeiro

Ciruxia xeneral y especialidades

D. Manuel Peña Rey

Xinecoloxía e partos

Istalado en sitio sano e pintoresco (carretera da Lofia).

Conta con elementos precisos pr' a boa asistencia dos operados.

Moi logo istalara RAYOS X.

PRA DETALLES DIRIXIRSE A UN DOS DIREITORES

TARIFA D'ANUNCIO

	Ordinario	Exclusivo
Unha plana	60 ptas.	120 ptas.
$\frac{1}{2}$ plana	30 *	60 *
$\frac{3}{4}$ plana	15 *	30 *
$\frac{5}{8}$ plana	7'50 *	

Na cuberta esterior e follas intercaladas antr' as do testo:

Unha plana	100 *	200 *
$\frac{1}{2}$ plana	50 *	100 *
$\frac{3}{4}$ plana	25 *	50 *
$\frac{5}{8}$ plana	12'50 *	

Os precios son por inserción. Nos abonos por mais de seis insercions faise un desconto, no anuncio ordinario do 10 por 100 e nos escrusivos do 15 por 100.

L'UNIÓN • Compañía francesa de seguros contra incendios

Subdileitor en Ourense Salvador Caneiro RUA DO INSTITUTO

NOVA AXENCIA DOS CAMIÑOS DE FERRO

Alvarado & Selmo

Despachan e tramitan toda clás de reclamacions y-asuntos que se teñan cos camiños de ferro

PONTE MAYOR (Ourense)

NUEVO BAZAR • Ramón Fuga & H.^{nos}

Muebles, Louza, Cristal, Perfumería, Mercería, Útiles de viaxe, Electricidá e pra regalos

Tendas 9 e 11

OURENSE

Vijueira

"A NOSA TERRA,,

BOLETIN DECENAL

Idearium das IRMANDADES DA FALA en Galicia e nas colonias galegas d' América e Portugal

PRECIOS DE SUSCRICIÓN

Na Cruña ó mes.	40 céntimos
Coste d'un número	15 »
Fora, trimestre.	1'60 pesetas
América, id.	2'00 »

REDACCIÓN Y ADMINISTRACIÓN: PLAZA DE MARÍA PITA, 17, BAIXO. — A CRUÑA

"Teoría d'o Nacionalismo Galego,,

POR VICENTE RISCO

Léaa que lle dará luces pr' enxergal-os probremas da nosa Terra

PRECIO: CINCO REAS

F. Román e Saco

DROGUERÍA

E FARMACIA

Pereira, 19

Teléfono, 28

OURENSE